

Fireflies, interpretado por Bishop Allen, reproduzido sob autorização de Justin Rice e Christian Rudder, cortesia de Superhyper/ASCAP

Firefly, interpretado por Heavens to Betsy, reproduzido sob autorização de Corin Tucker, cortesia de Red Self Music/ASCAP

FICHA TÉCNICA

Título original: *I Was Here*

Autora: *Gayle Forman*

Copyright © 2015 by Gayle Forman, Inc.

Os direitos morais da autora estão certificados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2016

Tradução: *Maria João Freire de Andrade*

Revisão: *Florbela Barreto/Editorial Presença*

Imagens da capa: *Shutterstock*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição, Lisboa, novembro, 2016

Depósito legal n.º 416 294/16

Reservados todos os direitos

para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

1

Recebi esta carta no dia seguinte à morte da Meg:

Lamento informar-te de que tive de acabar com a minha própria vida. Esta decisão demorou muito tempo a tomar, e é apenas minha. Sei que vai causar dor, e por isso peço desculpa, mas, por favor, compreende que precisava de acabar com a minha angústia. Isto não tem nada que ver contigo, e tem tudo que ver comigo. A culpa não é tua.

Meg

Ela enviou-me por *email* uma cópia desta carta, e também aos seus pais e ao departamento da polícia de Tacoma, bem como outra indicando em que motel se encontrava, em que quarto estava, que veneno ingerira e como o seu corpo deveria ser removido em segurança. No quarto do motel, em cima da almofada, encontrava-se outra carta — dando instruções à empregada de quarto para chamar a polícia e não lhe tocar no corpo —, juntamente com uma gorjeta de cinquenta dólares.

Enviou os *emails* com um atraso pré-programado, de modo a já estar morta há algum tempo quando os recebêssemos.

Claro que só soube disto mais tarde. Por isso, quando li pela primeira vez o *email* da Meg no computador da biblioteca pública da nossa povoação, pensei que era alguma espécie de piada. Ou embuste. Liguei à Meg e, quando ela não respondeu, liguei aos pais.

— Vocês receberam o *email* da Meg? — perguntei-lhes.

— Que *email*?

2

Houve missas. E houve vigílias. E depois círculos de oração. É difícil distingui-los. Nas vigílias seguram-se velas, mas por vezes também se faz o mesmo nos círculos de oração. Nas missas, as pessoas falam, mas o que pode dizer-se?

Foi suficientemente mau que ela tivesse morrido. De propósito. Mas eu seria capaz de a matar por me ter sujeitado a tudo isto.

— Cody, estás pronta? — grita a Tricia.

Estamos no final de uma quinta-feira à tarde e vamos à quinta missa do último mês. Esta é uma vigília à luz das velas. Pelo menos acho que é.

Saio do meu quarto. A minha mãe está a apertar o fecho do vestido de *cocktail* preto que comprou numa loja de caridade depois de a Meg ter morrido. Tem-no usado como vestido fúnebre, mas tenho a certeza de que, quando tudo isto passar, vai começar a usá-lo como um vestido para sair. Fica sensual com ele. Tal como tantas pessoas da povoação, o luto fica-lhe bem.

— Porque não estás vestida? — pergunta-me.

— Toda a minha roupa boa está suja.

— Que roupa boa?

— OK, toda a minha roupa ligeiramente fúnebre está suja.

— A sujidade nunca antes te impediu de te vestires.

Olhamos uma para a outra. Quando eu tinha oito anos, a Tricia anunciou que eu já tinha idade suficiente para lavar a minha própria roupa. Odeio lavar roupa. Podem ver onde isto nos leva.

— Não percebo porque temos de ir a mais uma — digo.

— Porque a povoação precisa de se curar.

— O queijo é que precisa de cura. Do que esta terra precisa é de outro drama com que se entreter.

Segundo o letreiro desbotado na autoestrada, há mil quinhentos e setenta e quatro habitantes na nossa povoação. — Mil quinhentas e setenta e três pessoas — disse a Meg, quando no outono passado se escapou para a universidade de Tacoma, com uma bolsa de estudo integral. — Mil quinhentas e setenta e duas, quando vieres para Seattle e arranjarmos um apartamento juntas — acrescentou.

Agora ainda se encontra nos mil quinhentos e setenta e três habitantes, e desconfio de que vá ficar assim até nascer ou morrer outra pessoa. A maior parte das pessoas não parte. Mesmo quando a Tammy Henthoff e o Matt Parner deixaram os seus respetivos cônjuges para fugirem juntos — antes da Meg, esse mexerico foi a notícia mais escaldante da terra —, mudaram-se para um parque de *roulottes* nos arredores da povoação.

— Tenho mesmo de ir?

Não tenho a certeza porque me dou ao trabalho de lho perguntar. A Tricia é a minha mãe, mas não é de modo algum uma autoridade. Sei que tenho de ir, e sei porquê. Pelo Joe e pela Sue.

São os pais da Meg. Ou eram. Estou sempre a tropeçar nos tempos verbais. Deixa-se de ser os pais de alguém porque esse alguém morreu? Porque morreu de propósito?

O Joe e a Sue ficaram de coração partido, os círculos à volta dos seus olhos são tão profundos que não vejo como irão alguma vez desaparecer. É por sua causa que procuro o meu vestido menos malcheiroso, e o visto. Preparo-me para cantar. Outra vez.

Amazing Grace. Que Vil o Som¹.

¹ Trocadilho com a letra de *Amazing Grace*, que começa com «*Amazing Grace, how sweet the sound*». (NT)

3

Escrevi uma dúzia de elogios fúnebres mentais à Meg, imaginando todas as coisas que poderia dizer a seu respeito. Como quando nos conhecemos na primeira semana do jardim infantil e ela fez um desenho de nós as duas, com os nossos nomes, e algumas palavras que não compreendi, porque, ao contrário da Meg, eu não sabia ler nem escrever. «Diz “melhores amigas”», explicou-me. Tal como todas as coisas que a Meg queria ou previa, tornou-se verdade. Posso dizer que ainda tenho esse desenho. Guardo-o numa caixa de ferramentas metálica que alberga todos os meus bens mais importantes, e está vincado pela idade e pelas muitas vezes que o li.

Ou posso falar sobre como a Meg sabia coisas acerca das pessoas, que elas mesmas podiam nem saber. Sabia o número exato de vezes seguidas em que, regra geral, alguém espirrava; aparentemente, havia um padrão naquilo. Eu espirrava três vezes; Scottie e Sue, quatro; Joe, duas; e Meg, cinco. Também conseguia lembrar-se do que vestíamos em cada dia de fotografias na escola, mesmo no Halloween. Ela era como um arquivo da minha história, e também a sua criadora, porque quase todos os Halloweens eram passados com ela, normalmente com algum fato com que a Meg sonhara.

Ou posso contar sobre a obsessão que a Meg tinha por músicas acerca de pirilampos. Aquilo começara no nono ano, quando ela encontrou um *single* de uma banda chamada Heavens to Besty. Arrastou-me de regresso ao seu quarto e pôs o disco arranhado no velho gira-discos, que comprara numa quermesse da igreja por um dólar e que ela mesma arranjara, com alguma ajuda dos tutoriais

do YouTube. «E nunca saberás qual a sensação de iluminar o céu. Nunca saberás qual a sensação de se ser um pirilampo», cantava Corin Tucker, numa voz simultaneamente forte e vulnerável, que quase parecia não ser humana.

Depois da descoberta dos Heavens to Betsy, a Meg iniciou uma missão para encontrar as melhores canções alguma vez escritas sobre pirilampos. À verdadeira maneira da Meg, passadas algumas semanas tinha reunido uma lista extensa.

— Alguma vez *viste* um pirilampo? — perguntei-lhe, enquanto ela trabalhava na sua *playlist*.

Eu sabia que ela nunca os vira. Tal como eu, a Meg nunca estivera a leste das Rockies.

— Tenho tempo — respondeu, abrindo os braços, como se a demonstrar que lá fora existia muita vida à sua espera.

O Joe e a Sue pediram-me para falar naquela primeira missa, a grande, a que devia ter sido dada na igreja católica que os Garcia frequentavam há anos, mas não fora porque o padre Grady, embora amigo da família, era um homem de regras. Ele disse aos Garcia que a Meg cometera um pecado capital e, assim, a sua alma não seria admitida no céu, nem o seu corpo num cemitério católico.

A última parte era teórica. A polícia demorou algum tempo a libertar o seu corpo. Parecia que o veneno que ela usara era raro, embora ninguém que conhecesse a Meg ficaria admirado com isso. Ela nunca usava roupa de cadeias de lojas e ouvia sempre bandas de que mais ninguém ouvira falar. Como era natural, encontrara um veneno obscuro para ingerir.

Por isso, o caixão sobre o qual todos tinham chorado naquela primeira e grande missa estava vazio, e não houve enterro. Ouvi o Xavier — tio da Meg — dizer à namorada que talvez fosse melhor que nunca houvesse nenhum. Ninguém sabia o que escrever na lápide.

— Vai tudo soar a uma recriminação — disse ele.

Tentei escrever um elogio fúnebre para aquela missa. Acabei por o fazer. Para me inspirar, pus o CD que a Meg me gravara com músicas de pirilampos. A terceira era a faixa «Fireflies», de Bishop Allen. Não sei se já ouvira a letra, porque, quando o fiz nessa altura,

foi como um murro dado da sua sepultura: «Diz que podes perdoá-la. E ela perdoar-te-á em troca.»

Mas não sei se posso fazê-lo. E não sei se ela o fez. Disse ao Joe e à Sue que lamentava, que não podia fazer o elogio porque não conseguia pensar em nada para dizer.

Era a primeira vez que lhes mentia.

A missa de hoje vai ser dada no Rotary Club, por isso não é uma das missas religiosas, oficiais, embora o orador pareça ser uma espécie de reverendo. Não sei de onde é que continuam a aparecer todos aqueles oradores que nem conheciam a Meg. Depois de terminada, a Sue convida-me para outra receção em sua casa.

Eu costumava passar tanto tempo em casa da Meg que conseguia adivinhar qual a disposição da Sue pelo cheiro que impregnava o ar assim que atravessava a porta. Manteiga significava um bolo, o que indicava que se sentia melancólica e que precisava de ser animada. Especiarias significava que estava feliz e a fazer comida mexicana picante para o Joe, apesar de lhe fazer mal ao próprio estômago. Pipocas significava que estava na cama, no escuro, sem cozinhar nada; e Meg e Scottie ficavam sozinhos, o que significava um *buffet* de comida de micro-ondas. Nesses dias, o Joe brincava dizendo que nós, miúdos, éramos uns sortudos por podermos comer o que nos apetecia, enquanto subia as escadas para ver como estava a Sue. Nós juntávamo-nos à brincadeira, mas, normalmente, depois do segundo cachorro-quente só nos apetecia vomitar.

Conheço os Garcia tão bem que, naquela manhã, quando lhes telefonei depois de ter recebido o *email* da Meg, sabia que, apesar de já serem onze horas de uma manhã de sábado, a Sue ainda estaria na cama, mas não a dormir; ela dizia que nunca aprendera a voltar a adormecer desde que os filhos tinham deixado de acordar cedo. O Joe já teria feito café e teria o jornal matutino aberto sobre a mesa da cozinha. O Scottie estaria a ver desenhos animados. A estabilidade era algo que eu adorava na casa da Meg. Tão diferente da minha, onde o mais cedo que a Tricia normalmente acordava era ao meio-dia; nalguns dias, encontrava-a a servir tigelas de cereais, e noutros nem sequer a encontrava.

Contudo, agora há uma estabilidade diferente na casa dos Garcia, que é muito menos convidativa. Apesar disso, quando a Sue me convida para lá ir, por mais que eu preferisse recusar o convite, não o faço.

O monte de carros no exterior da casa é menor do que nos primeiros dias, quando a povoação apareceu solidária, trazendo travessas de comida. Todos aqueles guisados eram um bocado difíceis de ingerir, assim como os «Lamento imenso a sua perda» que os acompanhavam. Porque, noutros lugares da terra, os mexericos voavam. «Não me surpreendeu. A miúda sempre foi um pouco doida», ouvi pessoas a sussurrar no Circle K. A Meg e eu sabíamos que algumas pessoas diziam coisas daquelas a seu respeito — na nossa povoação, ela era como uma rosa a florir no deserto; confundia as pessoas —, mas, com ela morta, aquele sentimento já não se parecia com uma medalha de honra.

E não era apenas a Meg que perseguiam. No bar da Tricia, ouvi um par de habitantes locais a mexericar acerca da Sue. «Como mãe, eu saberia se a minha filha tinha tendências *suicidas*.» Aquilo vindo da mãe da Carrie Tarrington, que dormira com meia escola. Estive prestes a perguntar à Sr.^a Tarrington se, já que sabia tudo, sabia *daquilo*. Mas depois a sua amiga respondeu, «A Sue? Estás a brincar? Num dia bom, aquela mulher anda a pairar no espaço», e senti-me esmurrada pela crueldade delas. «Como se sentiriam se tivessem acabado de perder uma filha, suas cabras?», disse-lhes, num tom escarninho. A Tricia teve de me acompanhar a casa.

Depois da missa de hoje, a Tricia tem de trabalhar, por isso deixa-me em casa dos Garcia. Entro. O Joe e a Sue abraçam-me com força, e durante mais tempo do que seria necessário. Sei que devem sentir um certo consolo por eu estar ali, mas consigo ouvir as perguntas silenciosas da Sue quando olha para mim, e sei que todas se resumem a uma: *Sabias?*

Não sei o que seria pior. Saber e não lhes dizer ou a verdade — que apesar de a Meg ser a minha melhor amiga, de lhe ter contado tudo o que havia para contar a meu respeito e ter achado que ela fizera o mesmo, não fazia a mínima ideia porque é que ela o fizera. Não tinha nem uma pista.

«Esta decisão demorou muito tempo a tomar», escrevera ela na sua carta. Muito tempo a tomar? Quanto tempo é isso? Semanas? Meses? Anos? Conheço a Meg desde o jardim infantil. Desde essa altura que éramos as melhores amigas, quase irmãs. Há quanto tempo estava aquela decisão a ser tomada, sem ela mo dizer? E, mais importante, porque é que não me contara?

Passados uns dez minutos de um silêncio triste e educado, Scottie, o irmão de dez anos da Meg, aproxima-se de mim com *Samson*, o cão deles — ou agora dele —, preso por uma trela.

— Vamos dar um passeio? — diz, tanto para mim como para o *Samson*.

Esboço um assentimento e levanto-me. O Scottie parece ser o único que mantém alguma semelhança com o seu eu habitual, talvez por ser novo, embora não seja assim tão novo, e ele e a Meg eram próximos. Quando a Sue se afundava num dos seus estados depressivos, e o Joe desaparecia para tomar conta dela, a Meg era quem servia de mãe ao Scottie.

Estamos no fim de abril, mas ninguém informou o tempo. O vento sopra frio e feroz, com uma determinação perversa. Dirigimo-nos a um enorme campo vazio, onde todos deixam os cães fazerem as suas necessidades, e o Scottie solta o *Samson*. Ele salta, rejubilante, feliz na sua ignorância canina.

— Que tal estás a aguentar-te, Runtmeyer?

Sinto-me falsa ao utilizar a sua antiga alcunha brincalhona, e já sei como se tem aguentado, mas agora que já não tem a Meg a fazer de mãe-galinha, e com a Sue e o Joe perdidos na sua dor, tem de haver pelo menos alguém que lhe pergunte aquilo.

— Cheguei ao sexto nível do *Fiend Finder* — diz ele, e encolhe os ombros. — Agora, posso jogar as vezes que quiser.

— Um benefício secundário.

Depois tapo a boca com a mão. O meu humor negro e amargo não serve para consumo público.

Mas o Scottie solta uma gargalhada rouca, demasiado adulta para a sua idade.

— Já. Certo. — Para e observa o *Samson* a cheirar o rabo de um *collie*.

A caminho de casa, o *Samson* puxa a trela porque sabe que a seguir vai comer. O Scottie pergunta-me:

— Sabes o que é que não percebo?

Penso que ainda estamos a falar de jogos de vídeo, por isso não estou preparada para o que me diz a seguir.

— Não percebo porque é que ela não me mandou também a carta.

— Tens um endereço eletrónico? — pergunto. Como se fosse esse o motivo por que ela não lha enviou.

Ele revira os olhos.

— Tenho dez anos, não dois. Tenho *email* desde o terceiro ano. A Meg estava sempre a enviar-me coisas.

— Oh. Bem, provavelmente quis poupar-te.

Durante um segundo, os seus olhos parecem tão vazios como os dos pais.

— Sim, ela poupou-me mesmo.

De regresso a casa, as visitas estão de saída. Apanho a Sue a deitar um empadão de atum para o lixo. Lança-me um olhar culpado. Quando a abraço para me despedir, ela detém-me.

— Podes ficar? — pergunta, naquela sua voz tão baixa, tão diferente da voz loquaz da Meg.

A voz da Meg levava qualquer pessoa a fazer o que quer que fosse, em qualquer altura.

— Claro que sim.

Ela aponta para a sala de estar, onde o Joe está sentado no sofá, a olhar para o espaço, ignorando o *Samson*, que lhe suplica aos pés pelo jantar esperado. No entardecer que se desvanece, olho para o Joe. A Meg era parecida com ele, com a sua compleição morena e aparência mexicana. Ele parece ter envelhecido mil anos no último mês.

— Cody — diz ele.

Uma palavra. E é suficiente para me fazer chorar.

— Olá, Joe.

— A Sue quer falar contigo; ambos queremos.

O coração começa a martelar-me no peito, porque penso que vão finalmente perguntar-me se sabia de alguma coisa. Quando aquilo

aconteceu, tive de responder a algumas perguntas apressadas da polícia, mas aquelas tinham mais que ver com a maneira como a Meg podia ter arranjado o veneno, e eu não fazia a mínima ideia de como aquilo acontecera — só que, normalmente, quando a Meg queria uma coisa, ela encontrava uma maneira de a obter.

Depois de a Meg ter morrido, procurei *online* todos os sinais de suicídio. A Meg não me dera nenhum dos seus bens mais apreciados. Não falara de se querer matar. Quero dizer, ela costumava dizer coisas como, «Se a professora Dobson nos der outro teste de cultura *pop*, vou dar um tiro na cabeça», mas isso conta?

A Sue senta-se ao lado do Joe no sofá púido. Olham um para o outro durante meio segundo, mas é como se aquilo os magoasse demasiado. Viram-se para mim. Como se eu fosse a Suíça.

— O semestre em Cascades acaba no próximo mês — dizem-me.

Assinto. A Universidade de Cascades é a prestigiada faculdade privada para onde a Meg conseguiu uma bolsa. O plano era mudarmo-nos para Seattle, depois de terminado o secundário. Falávamos disso desde o oitavo ano. Ambas na Universidade de Washington, a partilhar o mesmo quarto de dormitório durante os primeiros dois anos, depois a viver fora do *campus* durante o resto do curso. No entanto, a Meg conseguira aquela espantosa bolsa na Cascades, um pacote muito melhor do que aquele que a Universidade de Washington oferecia. Quanto a mim, entrei para a UW, mas sem qualquer tipo de bolsa. A Tricia deixara bem claro que não podia ajudar-me. «Conseguí finalmente acabar com as *minhas* dívidas.» Assim, no fim, acabei por recusar a UW e decidi ficar na povoação. O meu plano era fazer dois anos na universidade comunitária, depois mudar-me para Seattle para ficar perto da Meg.

O Joe e a Sue estão sentados em silêncio. Vejo a Sue a mexer nas unhas. As cutículas estão em muito mau estado. Por fim, ela levanta os olhos.

— A escola foi muito amável; ofereceram-se para arrumar o seu quarto e enviarem-nos tudo, mas não consigo suportar as mãos de um desconhecido a tocar nas suas coisas.

— E quanto aos seus companheiros de casa?

A Cascades é minúscula, e mal tem dormitórios. A Meg vive — vivia — fora do *campus*, numa casa partilhada com outros alunos.

— Aparentemente, trancaram o seu quarto e deixaram-no como estava. A renda está paga até ao final do semestre, mas agora temos de o esvaziar e trazer tudo... — A voz falha-lhe.

— Para casa — termina o Joe por ela.

Demoro um segundo a perceber o que querem, o que estão a pedir-me. A princípio, sinto-me aliviada, porque isso significa que não tenho de me preocupar por não ter sabido o que a Meg tencionava fazer. Que a única vez na sua vida em que *ela* poderia ter precisado de *mim*, eu falhara-lhe. Mas, depois, o peso do que estão a pedir-me move-se e esmaga-se no meu estômago. O que não quer dizer que não o faça. Vou fazê-lo. Claro que vou.

— Querem que eu trate das suas coisas? — pergunto.

Eles assentem. Eu assinto em resposta. É o mínimo que posso fazer.

— Depois de as tuas aulas acabarem, é claro — diz a Sue.

Oficialmente, as minhas aulas acabam no mês que vem. Oficiosamente, acabaram no dia em que recebi o *email* da Meg. Agora tenho más notas. Ou cadeiras incompletas. A diferença mal parece interessar.

— E se conseguires uma licença do emprego. — Isto diz o Joe.

Di-lo de um modo respeitoso, como se eu tivesse um emprego importante. Limpo casas. Como todos nesta povoação, as pessoas para quem trabalho sabem o que aconteceu à Meg e têm sido todas muito simpáticas, dizendo-me para demorar todo o tempo de que precisar, mas horas vazias para pensar na Meg não é o que preciso.

— Posso ir quando quiserem — digo. — Amanhã, se for necessário.

— Ela não tinha muita coisa. Podes levar o carro — diz o Joe.

O Joe e a Sue só têm um carro, e o modo como planeiam os seus dias é como uma expedição da NASA, de maneira a que a Sue possa deixar o Joe no emprego, levar o Scottie à escola e seguir para o seu trabalho, e depois ir buscá-los ao fim do dia. Aos fins de semana é mais do mesmo, fazer as compras para a casa e todas as outras coisas que não têm tempo de fazer durante a semana. Eu não tenho carro. Por vezes, muito raramente, a Tricia deixa-me usar o dela.

— Porque é que não vou de camioneta? Ela não tem muita coisa. Não tinha.

O Joe e a Sue parecem aliviados.

— Nós pagamos-te os bilhetes. Podes mandar quaisquer caixas extras pela UPS — diz o Joe.

— Não tens de trazer tudo. — A Sue faz uma pausa. — Apenas as coisas importantes.

Volto a assentir. Parecem tão gratos que tenho de desviar os olhos. A viagem não é nada: uma tarefa de três dias. Um dia para lá chegar, um dia para arrumar as coisas, um dia para voltar para casa. É o tipo de coisa para a qual a Meg se teria oferecido, sem que lho tivessem pedido primeiro.